

GRIFO

O JORNAL QUE RI

Nº 61
NOV
2025

AVE, DEMOCRACIA

Golpistas atrás das grades

PÁG. 3

COP30

Limites de crescimento

PÁG. 8

ENTREVERO ESPECIAL

Vozes da tornozeleira

PÁG. 24

A NATUREZA
ainda pulsa

Alison

Resistência ambiental e democracia

O ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico, onde descerá o índio de Caetano Veloso, fica na Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, e é o centro geodésico da América do Sul: 1.600 quilômetros a oeste está o oceano Pacífico, 1.600 quilômetros a leste, o Atlântico. A pouco mais de 1.600 quilômetros ao norte está Belém do Pará, cidade onde aconteceu, entre 10 e 22 de novembro, a COP30, conferência anual das nações para discutir o clima e o ambiente do planeta. Os indígenas são seus habitantes originais e não têm nenhum plano de abandonar o local.

Na madrugada de 22 de novembro – enquanto representantes de nações do planeta tentavam um acordo mínimo, já passando muitas horas da data prevista de encerramento, para um documento oficial do evento ambiental – Bolsonaro era preso preventivamente, pois havia indícios de fuga. Condenado por chefiar o planejamento de um golpe de Estado, ele estava em prisão domiciliar, com uma tornozeleira. A tornozeleira eletrônica apitou pela uma da madrugada na central de monitoramento, o que significa que fora violada. A prisão gerou comemorações, reclamações e muitos memes. Dias depois, a Justiça decidiu pelo início imediato do cumprimento da pena, no presídio da Polícia Federal em Brasília.

A COP30 gerou um documento que não causou muita euforia, mas anunciou promissoras iniciativas em defesa da natureza contra as agressões constantes que sofre.

Além dos debates oficiais, a conferência climática presidida pelo Brasil, pulsou protestos e manifestações de povos da floresta e das cidades.

Ameaçada por garimpo ilegal, agronegócio, desmatamento, poluição, negacionismo, neoliberalismo, racismo, concentração de renda, privatização, meritocracia, a natureza ainda pulsa. Indígenas são o exemplo dessa resistência.

O parágrafo parece música dos Titãs, e é de propósito.
(Marco Schuster)



GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020. Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas) Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Rio de Janeiro: Cláudius, Máximo e Miguel Paiva

Rio Grande do Sul: Bier, Carlos Roberto Winckler, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Eugênio Neves, Fabiane Langona, Gilmar Eitelwein, Hals, José Weis, Kayser, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Óscar Fuchs, Paulo de Tarso Riccordi, Santiago e Schröder

Rússia: Konstantin Chakhirov

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo e Mouzar Benedito

Turquia: Erdogan Başol

Arte da capa: Alisson

Leia aqui todas as edições do **GRIFO**
<https://linktr.ee/Jornalgrifo>



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3

A ferro e fogo

O mês da Consciência Negra, de Zumbi de Palmares, pegou Bolsonaro com ferro de soldar na mão. Uma derretidinha numa tornozeleira, o que é que tem? Guilherme Derrite deixou o cargo de secretário da segurança de São Paulo por alguns dias para assumir a cadeira de deputado federal e fazer o mesmo com projeto de lei Antifacção e saiu comemorando. Outro parceiro de ideais políticos, Alexandre Ramagem, seguiu o exemplo de Eduardo Bolsonaro, fugiu para os Estados Unidos e lá ficou: é mais esperto que Carla Zambelli.

Até banco (Master) derreteu em novembro, e o banqueiro foi detido (Daniel Vorcino). Tudo tem mais ou menos o mesmo significado: descaso pela lei quando convém. O uso de ferro quente foi mais uma demonstração de singular criatividade desse pessoal.

Pessoal que além de achar demais uma tornozeleira como punição para si, acha natural grilhões e trabalho análogos à escravidão nos outros. Mas a maioria discorda. (Jorvel)



Dois presos, duas medidas

Celso Vicenzi

Aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro têm usado as redes sociais e toda a influência da mídia para pressionar por anistia ou prisão domiciliar. O mantra da absolvição é a injustiça da prisão de um “homem doente e idoso”.

Um doente, no entanto, que é pura potência quando ataca adversários, a democracia e diz ter saúde de atleta para disputar mais uma eleição. Mas logo vira um doente crônico quando precisa responder à justiça e cumprir pena de 27 anos.

Bolsonaro, 70 anos, enquadrava-se como idoso, de fato, mas não há nada na lei que impeça a condenação de pessoa com qualquer idade. É verdade que a lei permite, em certas condições, a prisão domiciliar para pessoas com 80 anos ou mais.

Mas o que salta aos olhos é a dupla face da justiça no Brasil, um país acentuadamente marcado por divisão de classes. E pelo tratamento diferenciado da mídia, da justiça, das forças militares e da sociedade quando a pessoa é de direita ou esquerda, como agora é possível evidenciar no caso Bolsonaro. Não houve, na prisão de Lula, em abril de 2018, então com 72 anos, nenhum movimento apelativo na sociedade por conta da sua idade. Ele lá permaneceu por 580 dias, injustamente, como reconheceram, posteriormente, os órgãos de justiça.

A hipocrisia torna-se ainda mais evidente nos apelos emocionais à idade, quando parlamentares e boa parte dos brasileiros parecem alheios ao fato de que há 2.806 presos no país com mais de 70 anos (até dezembro de 2024). Para esses, o silêncio de classe.

O CARA É JULGADO E CONDENADO COMO CHEFE DE ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA, SE Torna INELEGIVEL, OBRIGA O MAURO CID A ENTRAR PARA O PROGRAMA DE PROTEÇÃO A TESTEMUNHAS E A IMPRENSA AINDA O CONSIDERA COMO CANDIDATO NAS PESQUISAS?

ACHO QUE TEMOS QUE PEDIR PARA ENTRAR NO PROGRAMA DE PROTEÇÃO AOS BRASILEIROS.



Aliados e seguidores de Bolsonaro dizem que ele pode morrer na prisão. Ora, se a lei é igual para todos, é fato que quem está preso corre o risco de morrer na prisão. Em 2023 houve 3.091 mortes no sistema penitenciário brasileiro. Em 10 anos estima-se que 17 mil morreram em presídios, a maioria por causas evitáveis como doenças ou negligências. O que não será o caso de Bolsonaro, que terá assistência médica permanente.

A prisão, no Brasil, parece, às classes média e alta algo incompatível com “pessoas de bem”, não importando os eventuais crimes que a pessoa tenha cometido: corrupção, assassinato, feminicídio, atropelamento, omissão que levou milhares à morte na pandemia, tentativa de golpe de estado... há sempre um jeitinho brasileiro para uma nova sentença: dois presos, duas medidas!

É a mesma população e seus principais representantes no Parlamento e Judiciário, sobretudo, que fecham os olhos para o fato

de 70% dos presos no Brasil terem a cor negra. Uma realidade que evidencia o racismo estrutural no sistema prisional brasileiro. E há uma aceleração do encarceramento, conforme dados de relatório do Anuário de Segurança Pública. O crescimento entre 2005 e 2022 foi de 381,3% entre os negros e 215% entre os brancos.

A desigualdade social também se reflete, portanto, na desigualdade judicial, conforme a renda, cor, ideologia, gênero e profissão – entre outras. Isto sem falar na dificuldade de acesso à justiça, para as pessoas de extrema vulnerabilidade. O Brasil que se apieda de Bolsonaro, não é o mesmo que olha para grupos minoritários e/ou vulneráveis. Há uma justiça para o andar de cima e o de baixo, para as mulheres e os homens, para os brancos e os negros, para os ateus e religiosos, para a esquerda e a direita.

Uma verdade que se desnuda, em plena luz do dia, sem chocar as “pessoas de bem”.



O MEU MESSIAS
ESTÁ SOLTO E É
ELE QUEM PRENDE

SCHRÖDER



O Natal do Bozo

Micheque? Meio dormindo, meio acordado, o bozo sente a respiração contra sua boca.

– Porra, Micheque, que bafo! E pare de me babar.

O bozo levanta uma das mãos pra afastar a Micheque e bate nuns chifres, berra e se encolhe na cama.

Mas a rena continua impassível e muito carinhosa.

– Ho, ho, ho! Ela é muito mansinha.

Com esforço, o bozo distingue na penumbra as renas, o trenó, o velho barbudo. Ainda sem fôlego, se repete que é uma pegadinha. Por fim, consegue dizer:

– Como você entrou? Aqui não tem chaminé.

– Sou pior que comunistas, me infiltro em qualquer lugar.

Com uma esperança súbita e tola, o bozo senta na cama e diz:

– Trouxe presentes?

– Esse é o meu negócio, cara!

– Não pedi nada, mas se tiver um boneco do Xandão e uma agulha de tricô...

– Tenho um pôster da Maria do Rosário. As paredes aqui são tão nuas.

A rena carinhosa tenta lamber a cara do bozo. Ele reage com um tapa.

– Ho, ho, ho! Se comporte ou não ganha nada, seu pilantra. Também tenho um guia turístico da Hungria. Não? Um manual de criação de rãs... Peraí. Tenho um CD com os vídeos dos teus melhores momentos. Pode ser um modo de você passar o tempo, né? 27 anos são fogo. Tem você dizendo que não é coveiro, imitando os moribundos sem ar na pandemia, defendendo a tortura. O repertório todo. Talvez você te-



SCHROEDER 25/12/25

nha mudado de opinião, mas tem a cena em que você diz que lugar de bandido é na cadeia sem direito a porra nenhuma.

O bozo mal ouve, se defendendo dos carinhos da rena.

– Ho, ho, ho! Já sei, já sei! Lembra daquele suvenir que fizeram com o dedo do Lula? Sim,

aquele que ele perdeu num acidente de trabalho. Quer? Aí você pode fazer arminha com esse dedo. Ou, sei lá...

O bozo se levanta, grita, ou pensa que se levanta, que grita. Está só – e faz um silêncio de história de terror no xilindró.

(Ernani Ssó)

Pacote de Belém

Tem a história do alemão que não gostou de Belém, o chanceler Friedrich Merz, mas simpatizou com a COP30, a conferência mundial do clima promovida pelas Nações Unidas. “Ninguém queria ficar lá”, disse ele quando retornou ao seu país. Já outros não se agradaram do encontro mesmo,

e não permitiram a aprovação da proposta brasileira de criar um “mapa do caminho”, para definir como o planeta iniciaria a diminuição do uso de combustíveis fósseis.

Mais de 80 países aprovaram, mas mais de 90 refugaram.

Mas a criação de um Fundo Florestas Tropicais para Sempre (Tropical Forest Forever Facility

- TFFF) foi aprovada, e já arrecadou 6,7 bilhões de dólares, é um dos 29 documentos aprovados por 195 países (unanimidade) presentes na conferência e que constituem o “Pacote de Belém”.

Ah, o alemão está mais calmo e dias depois conversou com o governo brasileiro e até declarou interessar-se pela culinária paraense. (Marco Schuster)



Os limites do crescimento

Luiz Augusto Faria

Em 1972 foi publicado um relatório com esse título em que o Clube de Roma alertava para a exaustão de recursos naturais diante do crescimento da população e da economia. Na época muitos, e principalmente aqueles à esquerda, contestaram o que parecia alarmismo e preconceito contra o direito dos países pobres da periferia a se desenvolverem. Mais de 50 anos depois, os limites ao crescimento são quase um consenso político e uma verdade para a comunidade científica. A mudança no clima do planeta, o efeito estufa, a poluição, a redução da biodiversidade, as perdas de cobertura natural de todos os biomas da Terra e a escassez de recursos usados de forma não sustentável são conhecidas de todos.

Neste mês de novembro, a realização da COP30 na amazônica Belém amplia o debate do tema sustentabilidade e cobra atitude e decisão de governos, entidades multilaterais e da ONU. Sabemos que o padrão de consumo de energia e recursos naturais de pouco mais de 1 bilhão de europeus e americanos não pode ser replicado pelos outros 7 bilhões de habitantes do planeta. E mais, a indústria usuária de combustíveis fósseis como carvão e petróleo está aquecendo a Terra e mudando seu clima. Tornados, enchentes ou secas, elevação do nível dos oceanos, crescimento dos desertos, derretimento de geleiras, extinção de espécies são cada vez mais preocupantes. O planeta adoeceu por obra humana.

Podemos pensar que já houve em nossa milenar história episódios de mudanças climáticas ou epidemias que levaram ao fim civilizações e modos de vida ancestrais, como se passou com o reino

Khmer ou com os maias. Sempre tinham sido, entretanto, casos localizados, passageiros ou de origem natural. O que vivenciamos agora é muito diferente, resultado do domínio que a instituição do mercado exerce sobre nossa subsistência e criação de riqueza.

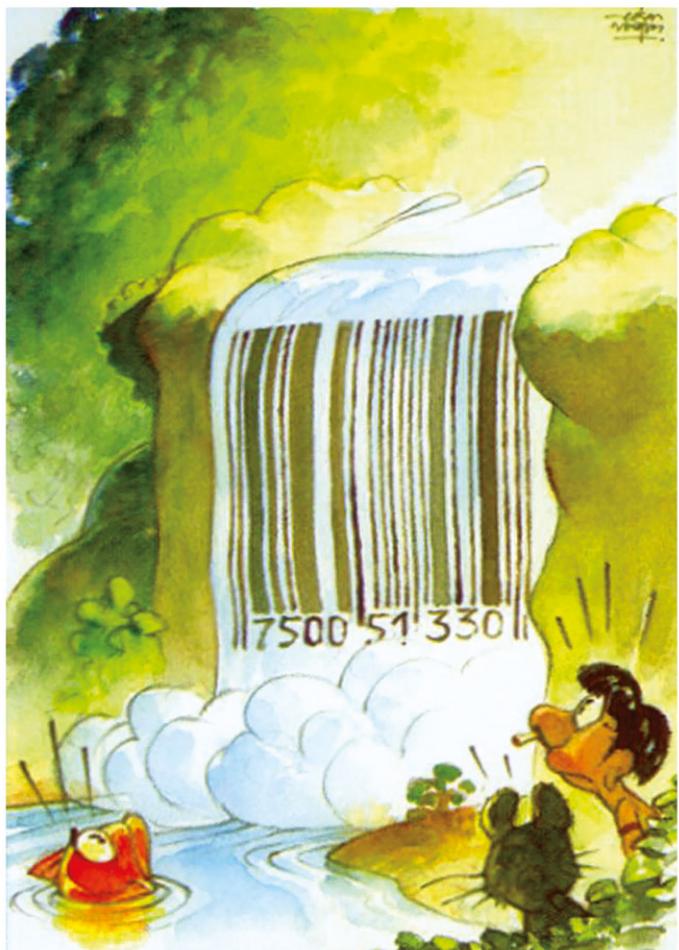
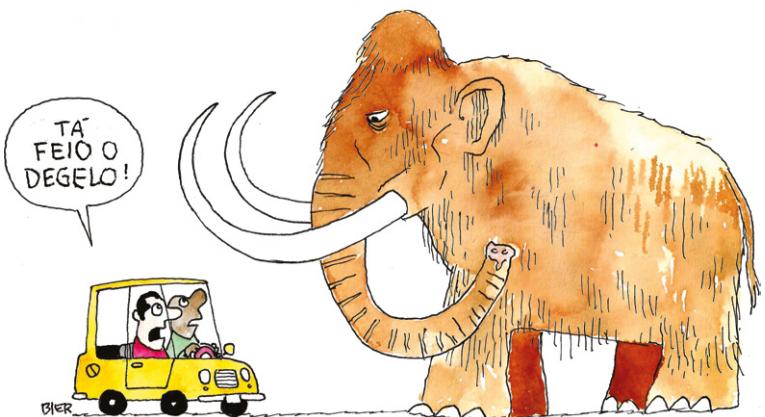
Como perceberam Marx, Polanyi e Braudel, o capitalismo inventado pelos europeus há 500 anos acabou levando mais e mais sociedades a organizarem sua produção de riqueza pelo mercado. Vivemos nestes tempos de neoliberalismo o paroxismo disso, quando quase todas nossas necessidades só podem ser atendidas por mercadorias que compramos. E mais, tentaram nos convencer de que só assim seríamos plenamente satisfeitos, que a produção das coisas que atendem nossas necessidades só funciona bem quando assume a forma de mercadoria. E que, como pensam os economistas, pasmem, haverá mais eficiência e menos desperdício quando o mercado disser o que, como e quanto produzir.

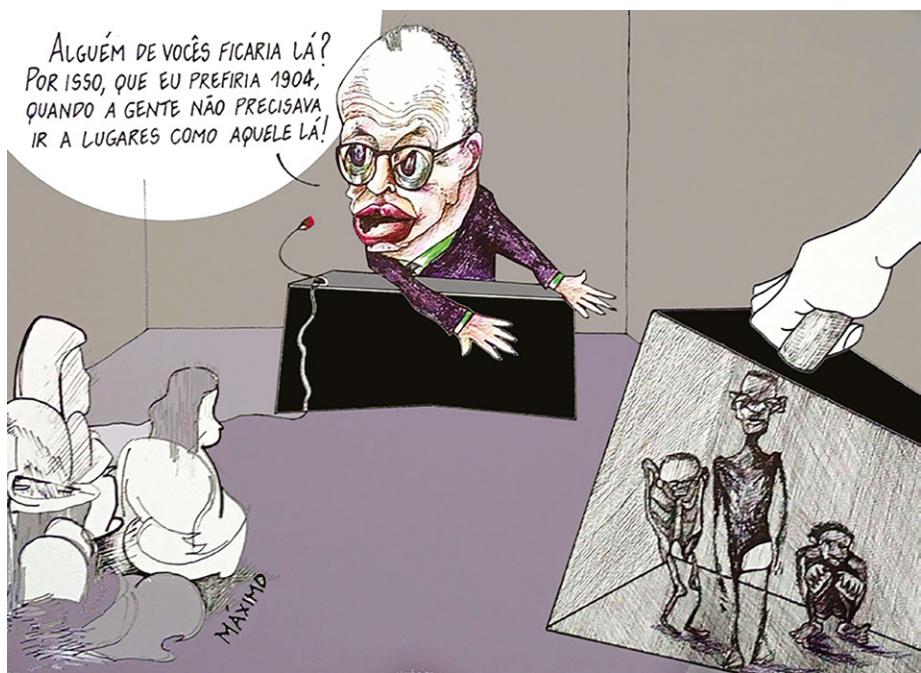
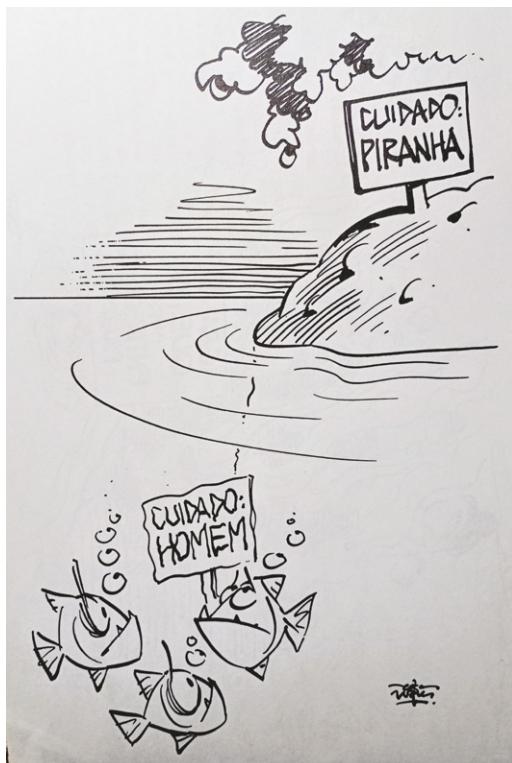
Ninguém lembra que o mercado capitalista é muito diferente da troca de espigas de milho por lascas de oxidiana dos antigos mexicanos. No primeiro, o produto e seu valor de uso não importam em nada, o que vale é o valor de troca e a forma como pode ser acumulado, o dinheiro. De outra maneira, os indígenas planejavam suas lavouras para alimentar a comunidade e algum eventual excedente era intercambiado em razão de uma necessidade que surgisse ou para terem acesso ao que não conseguiam produzir.

Marx nos ensinou que o capitalista só participa da produção para conseguir a valorização do valor, para fazer crescer seu ca-

pital, para acumular sempre e mais. A utilidade da mercadoria não tem nenhuma relevância, só precisa ser vendida. E para tanto, basta que alguém que tem dinheiro compre. Por isso apontou a recorrência de crises e a irracionalidade do capitalismo. O mercado substitui a razão planejada do que Polanyi chamou economia natural, porque voltada a garantir a subsistência das pessoas, pelo frenesi da valorização infinita. Já Braudel nos mostrou como a instituição milenar do mercado, com origem em rituais e gestos de amizade entre povos e tão usada por chineses ou árabes, foi apropriada pelo capitalismo e transformada em instrumento de poder pela ação do Estado e pelo monopólio. O mercado capitalista, paradoxalmente, é o oposto da crença dos economistas que sonham com o equilíbrio entre oferta e demanda que iguala a todos.

A concorrência capitalista produz ganhadores e perdedores, fortunas e ruínas, excesso de produção e desabastecimento e termina sempre deixando os ricos mais ricos e cada vez mais poucos, e empobrecendo a maioria. O poder está predominantemente nas mãos daqueles que vivem o desvario de criar e acumular riqueza sem qualquer propósito. A prevalência da razão e do bom senso nos levam à urgência de cuidar de nossa casa comum e impedir a continuidade do aquecimento global e da devastação da natureza. A premência dessa política não consegue se impor porque os poderosos donos do capital e os estados que os servem, EUA à frente, vêm sistematicamente bloqueando as ações necessárias. A desinformação e a sabotagem em torno da COP30 que o digam.





O feudalismo tecno diante da floresta: o Brasil, a COP e o direito ao futuro

Alexandre Cruz

A COP30 deixou em Belém um mapa vivo das contradições do nosso tempo. Museus e parques gratuitos, gastronomia amazônica nas ruas, cultura indígena pulsando. Uma agente territorial que acompanhou o evento me disse: "Belém está mostrando sua essência." Havia uma solidariedade vibrante no ar, algo que escapa aos relatórios e chega direto ao coração.

Mas ela também lembrou: "Sustentabilidade sem equidade é farsa." A divisão entre zona azul, para diplomatas, e zona verde, para o público, limita quem pode falar de verdade. A COP reuniu milhares de vozes, mas separa quem decide de quem vive as consequências. É a velha muralha medieval erguida agora por crachás e protocolos.

Uma jornalista que esteve na conferência me contou a beleza do encontro. Diferentes etnias, gêneros e raças debatendo com respeito. Mas logo apontou o paradoxo: os países europeus, maiores responsáveis pelo desastre climático, resistem a financiar os fundos climáticos. É o privilégio vestido de sustentabilidade, defendendo o planeta enquanto segura o cofre.

No meio desse mosaico, um relato cru da Amazônia. Uma amiga que circulava pela conferência foi comprar castanha do Pará. O quilo, 170 reais. Achou absurdo. Pediu para repetir, imaginou ter



ouvido setenta. Mas não. Este ano quase não houve castanha. Venenos lançados em grandes plantações, talvez por drones ou aviões, destruíram o ciclo natural e deixaram o extrativismo sem chão. O preço alto não era lucro, era sobrevivência. Uma cicatriz que começa no agronegócio químico e termina no bolso do consumidor, mas recai sobre quem vive da floresta.

É essa lógica que Varoufakis chama de feudalismo tecno: tecnologia, finança e informação

concentradas, enquanto o Estado nacional tenta respirar com recursos limitados. A COP mostrou essa disputa: o Estado discursando, as corporações calculando, os povos tradicionais à porta.

Zeina Latif lembrou que o Brasil precisa mostrar resultados concretos para atrair financiamento. É verdade. Mas não basta transparéncia; é preciso projeto. Um Estado soberano, que defenda a floresta e não transforme o território em ativo de mercado.

Belém, agora, é metáfora. Entre diplomatas e a movimentação do mercado popular, há uma disputa que definirá nosso sécu-

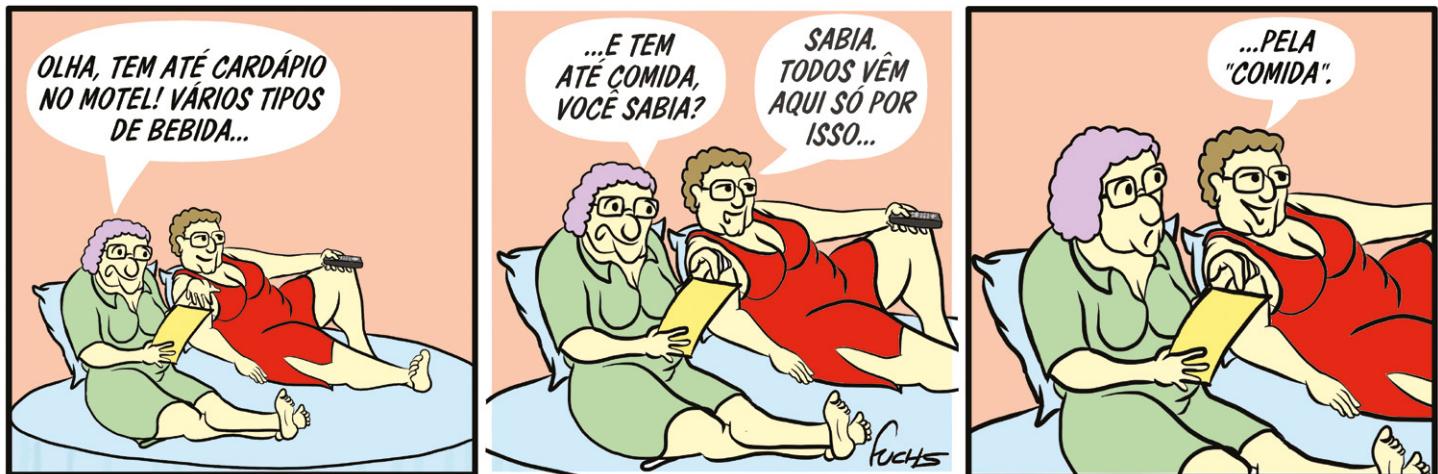
lo. Ou a tecnologia serve ao público, ou reforça a servidão. Ou o Estado se recompõe como casa comum, ou vira porteiro do feudo digital. Ou a floresta se torna sujeito do futuro, ou permanece objeto do mercado.

O que está em jogo na COP não é só carbono. É quem narrará o amanhã. Talvez sejam as sementes plantadas no quintal de uma agente territorial, ou o cuidado simples do extrativismo, que mais entendem do que está por vir.

BLAU Bier



ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



VAREJEIRAS EM CRISE Celso Schröder



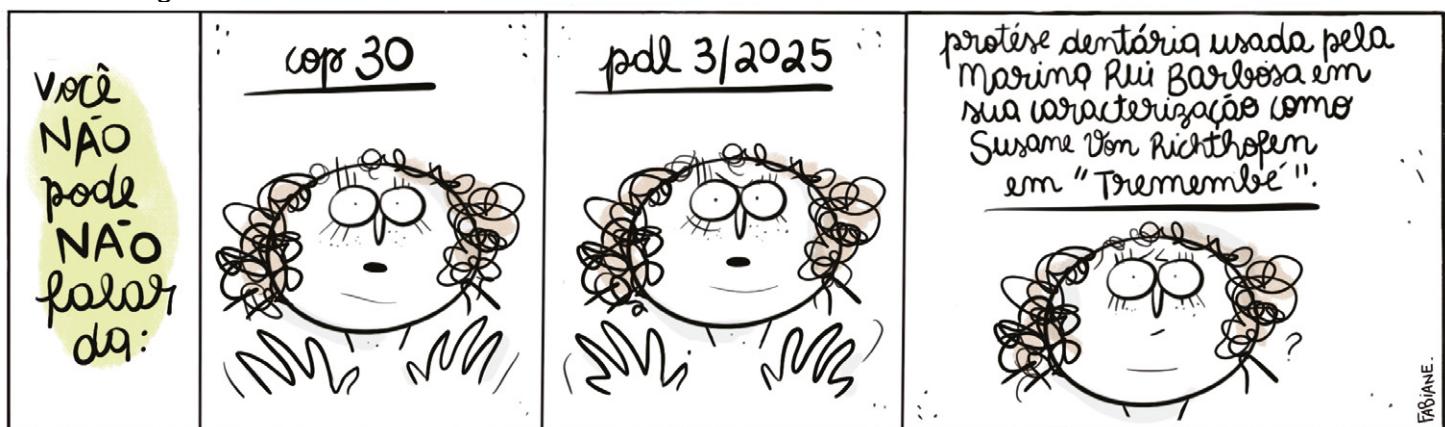
Lu Vieira



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



RANGO Edgar Vasques



Pixs

Do Gabriel, meu filho metido a engraçadinho: a família Bolsonaro deveria incorporar definitivamente a palavra réu como sobrenome ou título honorífico.

Deve ser coincidência ou a convivência, mas o Dudu está ficando a cara do Queiroz.

O agro é o único negócio no mundo em que o prejuízo dá lucro.

O projeto do relator Guilherme Derrite, não só dilacerava o projeto inicial do Lewandowski, como atendia diretamente os desejos imperialistas de Trump, como correspondia aos interesses do crime organizado, das milícias e dos narco-neopentecostais. A volúpia do projeto não era fruto de ingenuidade ou vaidade exagerada e sim a tática de naturalização do absurdo.

Os santos ou as blindagens do prefeito e do governador são muito fortes. Secretários de primeiro escalão e assessores do entorno dos dirigentes continuam sendo acusados, indiciados e até presos e parece que a corrupção detectada tanto na prefeitura como no Piratini são eventos localizados, únicos e sem nexos.

Hugo Motta é o que parece ser: um parlamentar de direita sequestrado pela extrema direita, fraco e inoperante que vaga ao sabor das ondas revoltas de um congresso que representa basicamente as duas principais facções criminosas do país: milícias e narcotraficantes.

A tentativa da direita de qualificar o crime como terrorismo faz parte de uma tática de executar pobres e absolver terroristas brancos.

Centrão precisa ser investigado como organização criminosa. Junto com os governos do Rio e São Paulo.

Sei que acertei na mosca quando meus textos ou desenhos têm mais comentários do que curtidas. Os robôs bolsonaristas, humanos ou não, têm o mesmo programador.

Onyx inaugurou a corrupção solidária. Segundo ele, o corruptor declarado deu dinheiro ao suposto corrupto sem este pedir.

O Brasil está dividido entre os que acham que matar 150 pessoas a esmo é uma necessidade justificável e os que acham isto um assassinato premeditado que combina ideologia fascista e propaganda eleitoral. E os que têm dificuldade de acreditar no que assistiram....

Cirquinho da ambiguidade

A relação que a imprensa brasileira estabeleceu com a COP30 foi, no mínimo, ambígua. De um lado a mídia, a não negacionista que sobrou, precisava prestigiar a reunião de Belém, até para justificar os anúncios vendidos a peso de ouro. Para isto montou seu costumeiro cirquinho com a presença de comunicadores clicáveis e defensores públicos da agenda ambiental. Por outro lado, exerceu sua condição de partido político construída ao longo das décadas e em busca da eterna terceira via. Para isto precisava criticar ou acolher críticas ao Lula, assim como também duvidar da própria existência da reunião do clima. De maneira que a cobertura do evento, sem se dedicar a decifrar as complexas negociações de interesses díspares e até inconciliáveis, se transformou numa garrimpagem de críticas superficiais contra a COP30 e seus realizadores, Lula principalmente. Descolados ou ignorantes dos mecanismo e da praxe da condução da reunião e da tomada de decisões os e as jornalistas passaram boa parte do tempo realizando uma espécies de crônica social do evento e de outra parte exigindo soluções que foram brotando ao longo do encontro e à revelia da urgência ou necessidades editoriais. O ar condicionado estragado parece ter confundido alguns jornalistas e, portanto, ofuscado as decisões e acordos que são, sem dúvida nenhuma, a última esperança do planeta que literalmente queima.

quer que escreva?



Reação imperial, sangramento e caos

Carlos Roberto Winckler

Operação Lança do Sul: onze navios de guerra, doze mil militares, o maior porta aviões dos EUA, além de um submarino nuclear, singram o Caribe – “mare nostrum” do Império – e se aproximam da Venezuela a pretexto de combater o narcoterrorismo na região e proteger os EUA do fluxo de drogas da América Latina. Um pretexto que mal encobre a tentativa de recuperar o protagonismo de potência na região, em momento de declínio, e se apossar da maior reserva de petróleo do mundo.

O governo mexicano rechaçou a interferência de tropas em seu território e sofre as consequências de sua posição, como se viu nas recentes manifestações na cidade do México, com todas as características de guerra híbrida conduzidas a partir dos EUA, com apoio de oligarquias locais. Nada estranho, a rigor. México, Venezuela, Colômbia e Brasil são, no momento, alvos. Nicolás Maduro é acusado de liderar o Cartel de los Soles, Gustavo Petro é acusado de ser narcotraficante.

Desde agosto o pretexto de guerra às drogas resultou em dezenas de assassinatos extrajudiciais, conduzidos pelas forças estadunidenses, na destruição de pequenos barcos em águas internacionais no Caribe e que se estendeu ao Pacífico, sem provas de tráfico. A interferência do Comando Sul e do Pentágono tem como propósitos a contenção da presença chinesa (hoje importante parceiro econômico de boa parte dos países da região) e um aviso ao (ainda) discreto apoio militar em equipamentos da Rússia ao governo venezuelano. Mais: busca o enfraquecimento das instituições que defendem a unidade latino-americana, inclusive de cooperação

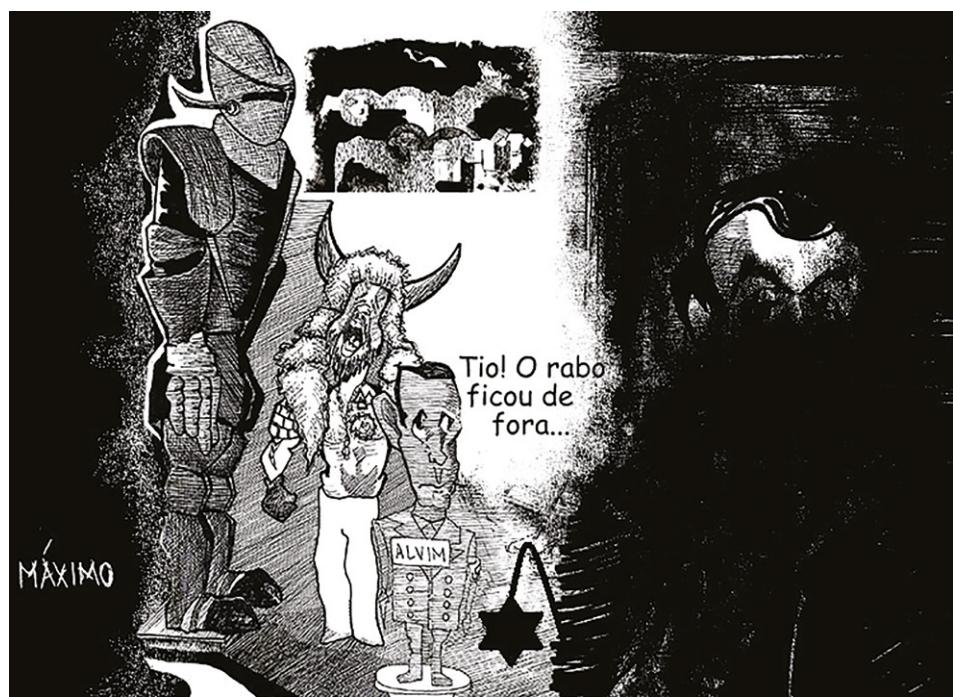
militar, a fragilização do Brics (o Brasil é visto como elo mais fraco), um recado aos países que defendem a soberania como princípio, além de animar a reação das oligarquias e setores militares locais. Uma guerra em vários níveis: diplomático, econômico e midiático.

As vitórias da direita e extrema direita mostram os impasses na resolução da desigualdade social pendentes e a fragilidade da democracia na região, como se vê em El Salvador, Paraguai, Bolívia, Equador, Argentina e que se avizinha no Chile. A escalada da pressão militar estadunidense é um passo dramático.

A Venezuela, que vem sofrendo sanções, bloqueios, tentativas de golpe (2002, 2019), lançou as bases de modelo de desenvolvimento nacional-popular, com aspectos socializantes e participativos, além de uma mudança decisiva em termos latino-americanos na efetiva hegemonia civil no comando político do país. A turbulência política dos anos 10 desse século parece diminuída e, desde 2023 a economia vem se recuperando enquanto o desenvolvimento do mercado interno paulatinamente rompe com a unilateralidade da

dependência do petróleo. Hoje, segundo a FAO, 90% dos alimentos são de produção local. Sufocar a Venezuela é imperativo ao Império decadente. Defender a soberania, ampliar a democracia é ameaça absoluta à oligarquização fascista.

A Operação Lança do Sul provavelmente atacará instalações militares, poderá ocupar poços petrolíferos combinados ou não a atentados ou captura de Maduro. A expressão “decapitar” é ilustrativa (nenhuma novidade nas ações da CIA). Mas não será uma tarefa fácil: o chamamento às milícias populares, treinadas pelo Exército em defesa da soberania nacional mostra o quanto é expressivo o nacionalismo popular na Venezuela. Ocupação parece ser improvável, não só pelos custos como pela oposição popular nos EUA, que não aceitará sacrifícios. A memória da retirada caótica do Afeganistão e Vietnã ainda é vívida. Caso se aventurem a ocupação não será duradoura. Terão que contar com Corinas ou Guaidós com alguma legitimidade, além da divisão do Exército. O Império sangra em meio ao caos que arquiteta.





BAR do NEREU

Usando várias guias no pescoço, o cara disse que era do batuque. Que geralmente incorporava Abalauê e fazia curas. Vista fraca, mijacão, cobreiro, lumbago, tripa presa, mau olhado, dor nas cadeiras... era com ele mesmo. Em sua companhia tava um sujeito com duas muletas, olhando e ouvindo calado. Havia entrado com alguma dificuldade. De repente, o saravá saiu da terceira mesa pra ponta do balcão e ordenou ao outro:

- Eu sou Jesus Cristo! Levanta-te e anda!

O sujeito da muleta imediatamente saiu da mesa - sem usar as muletas -, caminhou até quem o chamava e o abraçou. Todos riram da brincadeira, menos um baixinho corado, aboletado perto do banheiro, que se ajoelhou na frente do milagreiro e gritou quase chorando:

- Pelamordedeus, me cura do alcoolismo!

Como o alemãozinho era um freguês contumaz a gastava uma grana generosa no bar, Agenor saltou de trás do balcão e botou o santo pra fora. Depois vociferou:

- Ninguém vai atrapalhar o meu negócio! Nem o filho de Deus!



PRACINHA

Árvore frondosa
De galhos horizontais
Tão apropriados
Pra pendurar cordas

De um lado desce
O balanço da menina
que brinca de cabelos ao vento

Do outro pende
Suavemente à brisa
o corpo do enforcado

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

A ingratidão é um negócio sem volta.

ZH anuncia que Leite fez acordos sobre desastres ambientais com a ONU. Será que a ONU sabe?

Preste atenção: quem não sabe governar, privatiza.

Antigamente, em Santo Ângelo, apostar na China era pagar uma quenga.

**- Entupiu, chamou, resolveu!
- Pronto Socorro do Coração?
- Não. Desentupidora Rolabosta.**

Nenhum hospital e 56 pedágios. Impossível não chorar sobre o Leite derramado...

Por que os governadores de direita sempre deixam o Estado pior do que quando pegam?

Morrer de rir deve ser uma bênção. Constrangedora deve ser aquela cara no defunto dentro do caixão...

Será o Itinerário de Cusco o roteiro dum cachorro inca?

Telefônica Oi quebrou e deu TCHAU.

Passeando no cemitério, acho que, no fundo, no fundo mesmo, Melonaro é uma boa pessoa.

Exemplo de desmatamento é a cabeça do Véio da Havan. Por fora e por dentro.

Tudo indica que Bolsonaro, o crente, vai experimentar a curra milagrosa em breve.

Nem sempre um relógio roubado é tempo perdido.

Uma facção de neonazistas moderados

Moisés Mendes

Um grupo se reúne em Blumenau para criar uma facção de neonazistas moderados dentro da maior célula neonazista de Santa Catarina. É um grupo pequeno, com umas 10 pessoas.

Debatem pautas diversas, sempre com foco na moderação. A primeira pauta é a decisão do prefeito de Florianópolis, Topázio Neto, de controlar a entrada de forasteiros na rodoviária da cidade.

Gente sem emprego, sem parente e sem ter onde ficar não entra em Floripa. Quem não tem eira nem beira é devolvido à cidade de onde veio.

Outra pauta é a briga na extrema direita do Estado, que dividiu o bolsonarismo entre torcedores de Carol De Toni e de Carluxo, que brigam pela indicação do PL ao Senado.

O líder do grupo, que usa o codinome Essesse, diz que o racha não pega bem para o Estado. O mais moderado de todos, codinome Eixman, com x, lembra que Carluxo é carioca, mas não pode ser discriminado.

– Eu mesmo sou de Sorocaba e vim morar com uma tia em Brusque – diz o neonazista, com forte sotaque paulista.

Outro neonazista moderado, mas nem tanto, diz que o prefeito tem razão, porque daqui a pouco Florianópolis está virada numa... (a palavra que ele usou não será publicada).

E foram debatendo até chegar ao estigma que o Estado enfrenta por causa do nazismo, o que é um absurdo, diz um deles da linha menos moderada, porque o que deve prevalecer é a liberdade de expressão e organização, como afirmou um dia o Monark,



ídolo da turma.

O debate se encaminha para a defesa do estatuto da facção, que tem como missão a busca permanente de um neonazismo com moderação, para que o nome de Santa Catarina não seja manchado.

– Precisamos lutar contra os radicalismos – diz o meio moderado Riteler, que nesse caso é nome mesmo, porque é neto de nazistas do século 20.

Outro lembra que os jornais de Santa Catarina, incluindo o NSC, o maior deles, só noticiam coisas ruins e a toda hora publicam reportagens sobre a existência de células nazistas no Estado.

– Eles não podem falar de coisas boas? – lamenta Trampi, que já usou o codinome Guérin-gue, mas queria algo mais contemporâneo.

E assim segue a reunião, até que o líder da facção pergunta se

queriam abordar outros temas e alguém levanta o braço e propõe:

– Precisamos de mais ação e menos debate.

A maioria concorda e então o líder coloca ideias de ações em votação e vence a que propôs provocar negros nas ruas.

– Só provocar – pergunta o líder?

– Provocar para ver a reação e poder bater com um taco de beisebol igual ao do nosso Jorginho Mello – diz o proponente.

Um jovem pergunta se aquilo não estava fora da ideia de moderação, e o líder responde:

– Não podemos perder nossa índole neonazista.

Os participantes da reunião levantam-se das cadeiras, erguem os braços estendidos e gritam:

– Sieg Heil!!! Salve a vitória!!!

Ouve-se ao longe um cão uivando para a lua na noite de Blumenau.

O espetáculo da banalidade do mal

Vendo tantas matanças, com centenas ou milhares de mortos, tenho dúvidas sobre o que chamam de banalidade do mal. O mundo está mesmo lotado de Eichmanns? Um passinho à frente, cabe mais um funcionário zeloso, obediente como um cachorro amestrado. A expressão banalidade do mal é excelente, literária pra cacete, mas não parece dar uma meia trava nas responsabilidades?

Você acredita na bondade do papai exemplar ou mamãe carola que se condói com a morte de um extremista de direita e comemora com rojões o terrorismo de estado que mata às centenas? Ou de quem defende a vida de um feto, produto de um estupro, mas acha uma boa a PM matar pobres e pretos apenas porque são pobres e pretos e um dia, quem sabe, podem roubar um branco rico? A estupidez pode ser um álibi mesmo na defesa da violência sem limites?

O soldado que atrai palestinos famintos com a oferta de comida pra matá-los apenas obedece ordens dos governantes israelenses? Quando comemora esse he-

roísmo, postando as fotos no Instagram, ainda obedece ordens? Como os sionistas se regozijam com mortes e humilhações de palestinos, não estão um grau acima dos nazistas, que se regozijavam apenas em particular?

O piloto que jogou a bomba em Hiroshima virou herói na gringolância, onde os heróis sempre carregam com orgulho um cortejo de mortos – ele não sabia o que estava fazendo? Ou sabia, mas como eram asiáticos, não brancos, tudo bem? Será que pra ele ter plena consciência do seu ato, teria de ter descido em Hiroshima e matado duzentas mil pessoas com um canivete, com crianças por perto berrando pelos pais, pra que a coisa deixasse de ser “abstrata”?

O advogado Robert Servatius pintou seu cliente, Eichmann, como um funcionário modelo que apenas cumpria ordens. Hannah Arendt concordou, tanto que achou fanfarronice uma declaração de Eichmann, reproduzida durante o julgamento, de que iria rir e dançar no túmulo porque a

morte de cinco milhões de judeus na consciência lhe daria grande satisfação. Nos últimos meses da guerra, Himmler, general plenipotenciário do Terceiro Reich, ordenou que parassem o massacre de judeus. Eichmann desobedeceu. Em 1950, na Argentina, falou a Willen Sassen, ex-SS e jornalista, mais tarde assessor do Pinochet, “do seu desgosto por não ter matado muito mais judeus”.

Me deixem respirar. Só um pouquinho, tá?

Eu só vejo ódio, estupidez, ganância, mentiras e indiferença – tudo muito bem organizado e lucrativo. A matança cometida pelos sionistas em Gaza em nome de uma defesa imaginária, ou as matanças de pobres e negros no Brasil em nome da segurança da elite, parecem corriqueiras, coisa do dia a dia, parte do cenário. Mais: essas mortes são tantas, noticiadas em tempo real, que embotam a sensibilidade de muita gente – é duro, mas carnificinas cansam até açoqueiros e pra manter um tico de sanidade podemos fechar os olhos pros crimes mais hediondos.

O mundo está indo pra cucuia por culpa de quem? Se destrói, se envenena, se come plástico sem remorsos e com grandes lucros. Daí eu penso nos mafiosos que ganharam uma grana preta pra desaparecer com toneladas de lixo tóxico. Em “Gomorra”, Roberto Saviano conta que muitos mafiosos enterraram o lixo e, pra ter certeza de que não seria achado, construíram suas mansões em cima. Todos, com seus familiares, acabaram morrendo de câncer dali a uns anos.

PS: As informações sobre Eichmann são do livro “A síndrome do mal” (Cirkula), de Antonio David Cattani.



Guia prático de antiajudas

SOBERBA.

Não imite Jesus ou Buda, mas aquele primo falastrão que sempre tem razão no almoço de domingo. Corrija os outros em público, de preferência com citações do Wikipédia.

LUXÚRIA.

Não economize energia vital: use-a toda numa única noite e passe o resto do mês dormindo. Lembre-se: se for para perder a paz ou a reputação, que ao menos haja champanhe envolvido.

IMPACIÊNCIA.

Transforme cada mosquito em uma crise existencial. Grite com o relógio, discuta com a torradeira, não leve ofensas de trânsito para casa. Quem precisa de serenidade quando se pode ter drama?

SUJEIRA.

Vista-se com o que estiver mais próximo, mesmo que seja algo vivo. Uma boa camada de poeira dá um certo ar de mistério.

EXAGERO.

Vá sempre aos extremos. Odeie publicamente. Se o garçom atrasar o pedido, escreva uma carta indignada ao STF. Ninguém muda o mundo sendo morno.

INJUSTIÇA.

Julgue primeiro, pergunte depois. Se não houver provas, invente. E, se tudo der errado, culpe a mídia.

HIPER-SINCERIDADE.

Diga sempre o que pensa, especialmente quando não deve. Se alguém mostrar o novo corte de cabelo, pergunte: "você perdeu uma aposta?". A verdade isola, mas liberta

PREGUIÇA.

Evite qualquer atividade que exija movimento físico ou mental. Adie tudo, inclusive o adiamento. O tempo é relativo, em especial quando se está deitado.

DESPERDÍCIO.

Recuse-se a reciclar, nada é mais contemporâneo que um planeta vintage.

INDECISÃO.

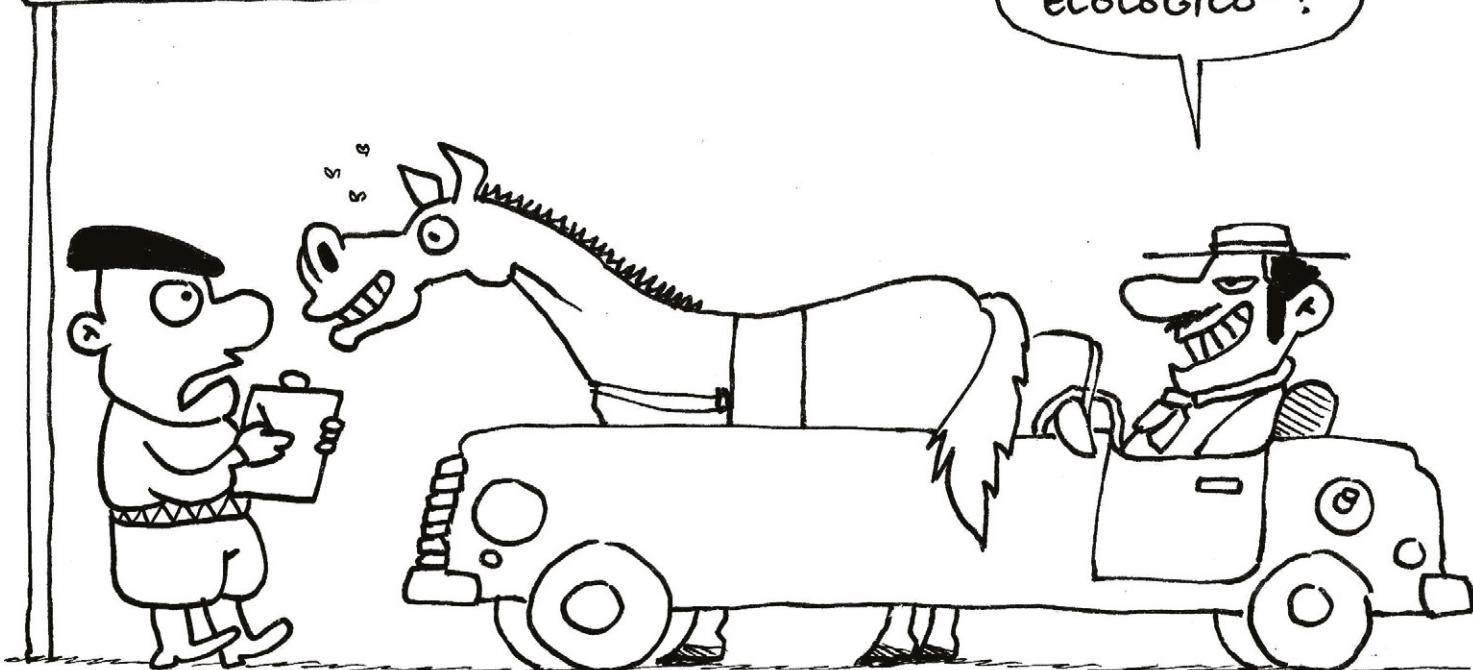
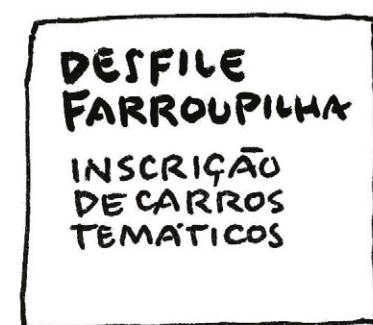
Não resolva nada. Pondere infinitamente. Faça listas sobre listas. Quando finalmente for agir, certifique-se antes de que a ocasião já passou.

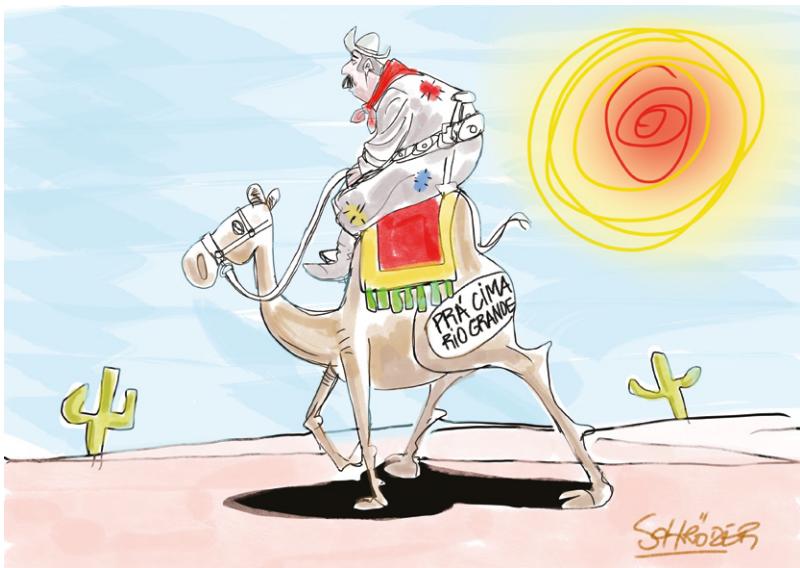
DESORDEM.

Coloque cada coisa em qualquer lugar e chame isso de caos criativo. Achar um objeto deve ser uma questão de sorte. E a casa, um campo de batalha entre o possível e o perdido.

GULA.

Coma até o arrependimento. Beba até o arrependimento esquecer que tem este nome. Lembre-se: o importante não é viver de forma saudável, mas mastigar e engolir com vontade.





Escritor. Pessoa que concorre a prêmios literários.
(Carlos Castelo)

Cada macaco no seu galho tá cada vez mais difícil com todo esse desmatamento. (Celso Vicenzi)

Robert Musil: "Não há nenhum pensamento importante que a estupidez não saiba usar; é completamente movediço e pode vestir todos os trajes da verdade. A verdade, pelo contrário, tem apenas um traje e um caminho, e se acha sempre em desvantagem". (Ernani Ssó)

Bolsonaristas fazem seu joguinho com os Estados Unidos: jogo de bunda! (Mouzar Benedito)

Os EUA, um dia, ainda vão ter que pagar na mesma moeda. E talvez nem seja o dólar. (Celso Vicenzi)

Robert Mugabe: "Só os pobres são possuídos por demônios. Você nunca verá um rico rolando no chão de uma igreja". (Ernani Ssó)



Tucanaram o remendo

Meusdeusesateus, o que será que vai acontecer com nosso Hospital de Pronto Socorro?! Será que retrofitar é perigoso? Posso passar pela calçada ou o retrofit vai me pegar se eu passar muito perto do tapume? Ai, ai, papai, na dúvida, retrofitemos um caminho seguro!

Tomara que aquele monte de arquitetos retrofiteiros entendam também algo de recuperação de fachadas. Aliás, fiquei aqui pensando se retrofitar não será mais caro para o Tesouro do que só recuperar a fachada do hospital. (Paulo de Tarso Riccordi)

Ela chegou pisando em ovos pra não me assustar. Acabei no pronto socorro. (Bier)

Empatia. Habilidade de sofrer pelos outros, desde que não dê trabalho.
(Carlos Castelo)

O Millôr são vários, dizem. Eu gosto do frasista e do desenhista – acho que um pouco menos do cartunista –, mas com certeza não gosto do ego deles. Só coincido quanto ao teatrólogo e seu ego: não gosto dos dois. (Ernani Ssó)

Se batesse autocrítica nos membros do Congresso, teríamos uma onda de suicídios. (Bier)

Investir em carteira falsa é humano; recuperar o dinheiro, divino. (Carlos Castelo)

Kiko Nogueira, ao falar de Trump, no DCM:
"Um clássico americano, como o jeans, o hambúrguer e o assassinato em massa".
(Ernani Ssó)

Lira e Alcolumbre envergonham o cangaço raiz. (Bier)

Ser preso em casa é um castigo gourmet.
(Carlos Castelo)

Os macacos de auditório dos gringos não ficam mais arrasados, ficam devastados. Ora, vão ficar devastados sobre a relva, nas colinas ou nos bosques, junto com certos tradutores que deveriam comer grama nos morros e ir cagar no mato. (Ernani Ssó)

O alemão não gostou de Belém. Será que Belém gostou dele? (Mouzar Benedito)

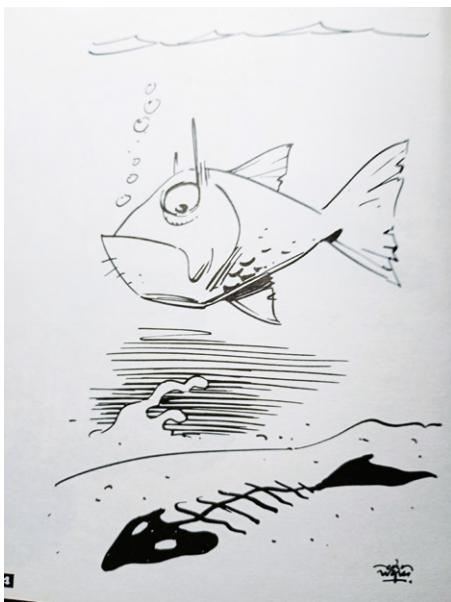
O WhatsApp nivelou o mundo: agora todos podem ser igualmente inconvenientes. (Carlos Castelo)

Se Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, ele tem muito de otário e escroto. (Ernani Ssó)

O ser humano inventou a escrita para registrar ideias. Depois o celular para provar que não tem nenhuma. (Carlos Castelo)

Os países ricos já fizeram seus discursos ambientalistas. Pronto! Podem voltar a destruir. (Mouzar Benedito)

Se a Bíblia é realmente a palavra de Deus, estamos lixados, como diriam os portugueses, porque entre um delírio e outro há até recomendações de genocídio. (Ernani Ssó)



Quem fala sozinho pelo menos tem a certeza de ser ouvido.
(Carlos Castelo)

Sobre as novas tecnologias, já me acostumei com a sensação de estar habitando outro planeta.
(Celso Vicenzi)

Segundo François Rabelais, é melhor escrever com riso do que com lágrimas, pois o riso é próprio de François Rabelais. (Ernani Ssó)

Trump ameaça, cria encrencas e volta atrás... Tira o bode da sala e aqui festejam, achando que ele não é tão ruim assim. (Mouzar Benedito)

Bette Midler: "É hora de banir o Viagra, porque, se a gravidez é 'vontade de Deus', seu pau mole também é". (Ernani Ssó)

Era um governador tão ditatorial aquele do Piauí que proibiu a população de transpirar. (Carlos Castelo)

Promessa do Rodrigo Paz, presidente da Bolívia: "Capitalismo para todos, e não apenas para alguns". Ué, o capitalismo não foi sempre pra todos, uns embaixo da bota, outros acima da bota? (Ernani Ssó)

Uma pergunta aos leitores: podem me dizer em que atividade econômica no Brasil atual (e em que lugar) não tem golpes e roubos?
(Mouzar Benedito)

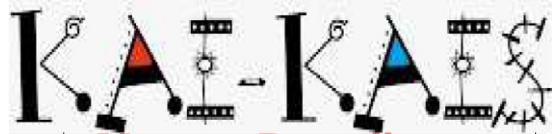
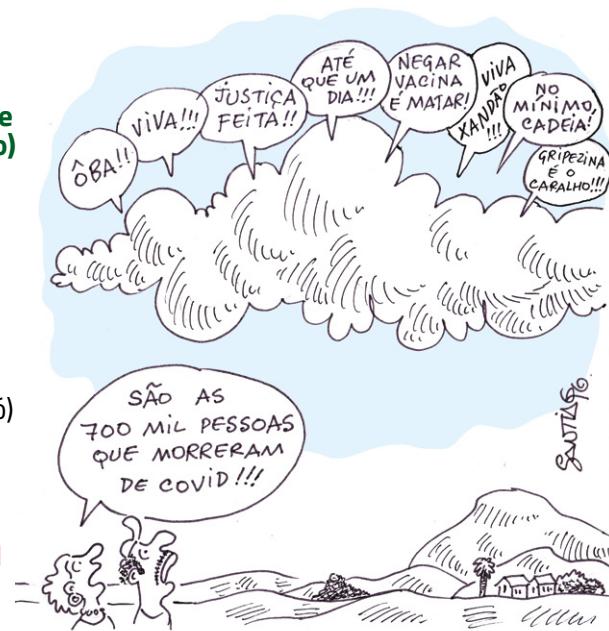
Enfim, aos setenta anos, Mark David Chapman confessou por que matou John Lennon: queria ser alguém. Como talvez Freud dissesse, a mãe do Chapman não deu a mínima quando ele passou de bicicleta, na infância, gritando: mâmí, mâmí, olha eu aqui, sem mãos! Daí o cara resolveu arrasar: mídia, mídia, olha eu aqui, mandando um teco no Lennon! (Ernani Ssó)

As notícias andam tão ruins que já trocaram a versão dos fatos pela aversão aos fatos.
(Celso Vicenzi)

Mark David Chapman escolheu Lennon como alvo porque ele era muito popular, na esperança de herdar essa popularidade. Mas Lennon deixou muitas músicas e letras que continuam sendo ouvidas por milhares de pessoas, sem lembrarem do Chapman, que tem um obra única e emociona por motivos nada favoráveis ao autor. (Ernani Ssó)

Não deixa de ser uma lição de humildade aos mais cultos e intelectuais: nunca subestimar o poder e o alcance da ignorância e do obscurantismo. (Celso Vicenzi)

Mehdi Hasan, jornalista estadunidense: "Duas das três esposas de Trump são imigrantes, o que demonstra que os imigrantes fazem os trabalhos que nem os gringos querem fazer".
(Ernani Ssó)



Mouzar Benedito

No poder, pose de machão.
Na rebordosa,
choramingão.
Revelou-se: é machorão!

Será que a Papuda
Deixa de ser lugar
Só pra arraia miúda?

Muitas coisas eu odeio!
Nazibozo, por exemplo,
Xingo logo, não titubeio!

Gente medonha!
Muita peçonha,
Nenhuma vergonha!

Brasil atual, que lírico!
Pobre aprova matar pobre
Pra proteger grana de rico

Classe média acha chique
Puxar saco da alta
E da baixa dar chilique

No mau sentido, tantã:
Se ferra mas gosta,
E se acha bambambã!

Cristo dava a outra face,
Cristão, se levasse tapa,
Talvez até matasse...

É assim o moderno cristão:
Explorar pobre é missão,
Na grana dele meter a mão

Brazil com z, isso mesmo,
Assim sonha patriotário,
Ser merda, é seu fadário!

Celular, que engenhoca!
Enche a cabeça da gente,
Principalmente de
minhocas!



A bispa Nadir Silva: "Todo tipo de jogo, de desenho é oriundo do inferno. Esse demônio do Pica-Pau tentou matar o meu filho, que tinha uma moto. Ele até vendeu a moto. Eu via a cantiga dele", disse a pastora imitando a risada característica do personagem. Acho que a Damares foi descida da goiabeira onde teve uma visão de Cristo. Por ora, a bispa fica com a medalha de ouro na modalidade Medo e Delírio.(Ernani Ssó)

Os casamentos acabam, os filhos crescem, mas o Mijo permanece. (Carlos Castelo)

O vereador Neném da Farmácia (Mobiliza), de Belo Horizonte, propôs o Dia da Fidelidade Conjugal e do Casamento Monogâmico Cristão, a ser comemorado em 18 de maio. Quando o prefeito, Álvaro Damião (União Brasil), sancionou a lei, o Ocidente suspirou aliviado, em uníssono, e eu pude escrever pela primeira e última vez a palavra uníssono. (Ernani Ssó)

Escrevi um livro infantil sobre árvores e tentei o Prêmio Jabuti, sem sucesso. Mais uma vez o ditado estava certo: "jabuti não sobe em árvore". (Celso Vicenzi)

No Rio Grande do Sul, Leite; em Minas, Zema; no Paraná, Ratinho; em Goiás, Caiado; em Brasília, Ibaneis; em Santa Catarina, Mello; no Rio de Janeiro, Castro... Só dá pra exclamar: puta merda! (Mouzar Benedito)

A eternidade é um domingo que nunca acaba. (Carlos Castelo)

O Neném da Farmácia, o autor do Dia da Fidelidade Conjugal e do Casamento Monogâmico Cristão, tem que explicar por que a fidelidade conjugal de um budista, por exemplo, ou o casamento monogâmico de um umbandista, não são válidos. Ou intolerância religiosa não é crime? (Ernani Ssó)

O dinheiro já é digital. Mas pra quem nunca ganhou quase nada, sempre foi "virtual". (Celso Vicenzi)

O pessimista vê o copo meio vazio; o otimista, o garçom vindo com o chope. (Carlos Castelo)

Eu proponho que o GRIFO faça uma campanha pelo Dia da Fidelidade Conjugal e do Casamento Monogâmico de Carecas Ateus e – se possível – Daltônicos. Me parece que isso e o uso de peruca sem remorso são essenciais para a felicidade do Ocidente. (Ernani Ssó)

Minhocas. Versão prêt-à-porter da serpente. (Carlos Castelo)

Todo mês, recebo o "Rascunho", dizem que o único jornal sobre literatura no Bananão. Folheio, folheio e me lembro a cada página do Marcos Rey, que disse, com precisão e sagacidade, sem ser ouvido por ninguém: "Os críticos confundem rapaz inteligente com escritor". (Ernani Ssó)

A extrema direita tem ojeriza a tudo que tem a cor vermelha. Com exceção dos banhos de sangue. (Celso Vicenzi)

Nada revela mais o caráter de um rico que aquilo que ele está disposto a pagar para evitar lidar com pessoas pobres. (Carlos Castelo)

Todo cursinho de criação literária devia começar com a distinção entre escritor e rapaz inteligente. Não ia adiantar de nada, claro, mas que chataria vários alunos, chataria. (Ernani Ssó)

Olhando assim, ao redor, até onde a vista alcança, dá pra concluir que as farmácias e as igrejas vão dominar o mundo. (Celso Vicenzi)

Terrorismo em Caracas, negócios em Wall Street. Tudo depende de quem faz e de quanto petróleo está envolvido. (Carlos Castelo)

"EUA é o único país que passou da barbárie à decadência sem civilização entre elas." Pela primeira vez, discordo do Oscar Wilde. Os EUA nunca saíram da barbárie. Até aprimoraram ela. (Ernani Ssó)

Os gastos com água também são descontados direto na fonte? (Celso Vicenzi)



Envelhecer no Enem e no Brasil

Dia desses, fazendo O Barato da Idade na TV247, que tem tudo a ver com esse tema, perguntei à Márcia Carmo, nossa correspondente em Buenos Aires, se era verdadeira a minha impressão que a Argentina é um país mais idoso que o Brasil, nos hábitos, na cultura e no respeito aos mais velhos. Ela concordou apesar do presidente Milei gostar e cantar rock and roll. A cultura argentina é menos transformável que a nossa, menos influenciável, menos sujeita às variações, resultado de uma colonização mais europeia, mais conservadora.

Isso serve de introdução ao tema da redação do Enem deste ano e deste artigo que fala das perspectivas do envelhecimento no Brasil. Colocar perspectivas e envelhecimento na mesma frase já é um desafio. O envelhecimento pressupõe sobretudo a diminuição de perspectivas.

Os argentinos ainda cultuam e muito o peronismo que nos últimos tempos envelheceu demais, mas carrega no bojo elementos importantes justamente para a estabilidade social como o sin-

dicalismo. Nada mais velho e, portanto, fora de moda aqui no Brasil. Aliado à aposentadoria, ao sistema de saúde, ao regime tradicional de trabalho fomos rejuvenescendo no mau sentido, na forma e nas soluções sociais, na presença do estado cada vez mais distante. O idoso hoje se vê afastado de qualquer solução mais ampla.

No filme O Último Azul, de produção recente brasileira, os idosos são levados para uma espécie de colônia porque causam muitas despesas aos mais jovens. Não servem mais à sociedade. Este na realidade é o mote geral do que vem acontecendo. Apesar de muitos idosos continuarem a produzir e bem, e comprovamos isso no programa O Barato da Idade, a sociedade no Brasil não só os segregar como desvaloriza seu legado. A experiência perde sua importância e junto com a meritocracia e o empreendedorismo as características da juventude prevalecem. Os resultados são os outros, é claro, mas a mentalidade é esta.

Está no jovem a produção e

não mais a revolução ou a transformação de antesAs perspectivas do envelhecimento não passam por qualquer transformação. Passam pela manutenção desta estrutura que só facilita os ganhos de mercado e anulam totalmente qualquer possibilidade de planejamento de bem estar social que possa privilegiar os mais velhos. O mundo virou um lugar para os mais jovens, mas sem planos na cabeça. E aí temos outra contradição. Jovens e transformações podem e devem viver na mesma frase. São características típicas, mas dentre as transformações esperadas não estão as que melhoraram a perspectiva de vida dos mais velhos. Todos os jovens serão idosos um dia. E isto é uma vitória. Significa que chegaram lá.

Esta é a perspectiva melhor que pode existir. Criar condições para que o envelhecimento venha de modo suave e gratificante. Estamos cada dia mais longe disso e talvez para isso tenhamos que ressuscitar coisas antigas como bem estar social e aposentadoria. Não vejo outra maneira de fazer da velhice um momento feliz.

VENDO O TEMPO PASSAR



O cara ouviu vozes da tornozeleira e resolveu assassiná-la? (Schröder)

Caro GRIFO: Nada no bolsonarismo é gratuito. Indispensável criar um fato, alguma coisa que mobilizasse e retomasse a tração da pauta de extrema direita. O curto-círcito viria do ferro de soldar usado por Bolsonaro pra violar a tornozeleira. Como a mobilização não veio, restrita que fora aos militantes profissionais, o curto-círcito esperado não fora exatamente provocado pelo ferro de soldar, mas pelo "surto persecutório" que acomete Bolsonaro, cabreiro, "paranóico", em seu próprio diagnóstico sustentado por remédios e receituários díspares. Convenhamos. Os alienígenas que não responderam à convocação dos grupos bolsonaristas, depois da derrota na eleição presidencial, com os celulares iluminados sobre as respectivas cabeças, devem estar aliviados de não terem atravessado a galáxia pra botar um paciente psiquiátrico na presidência da república do Brasil. Resta que à direita pode, finalmente, tentar alguma coisa mais potável, tirante a um Mario Henrique Simonsen, Delfim Neto, Roberto Campos etc. Voltaríamos, ao menos, à racionalidade. (Máximo)

Parece que a Michele entrou com recurso contra a possibilidade do Jair cumprir pena em casa. O argumento é de que ela não foi condenada. Ainda. (Schröder)

No caso da tentativa de se livrar da tornozeleira o STF aplicou a lei ao pé da letra. Literalmente! (Celso Vicenzi)

Tarcísio diz que "continuará ao lado de Bolsonaro". PF já providencia cama de casal para a cela. (Schröder)

Se Jair for mesmo o Messias, a Bíblia é o melhor livro de humor de todos os tempos. (Carlos Castelo)



Dose dupla: Bolsonaro preso pode pedir caldo de cana em cana! (Celso Vicenzi)
Que risco Bolsonaro manuseando um ferro de soldar! Podia perder o pé. Sem pé... já não tem cabeça! (Paulo de Tarso Riccordi)

No mundo paralelo quanto mais absurda a história maior audiência. A tornozeleira falante seria um mau argumento já na série Além da Imaginação dos anos 1960. (Schröder)

Afinal, é família ou quadrilha? (Celso Vicenzi)

O Bananinha Bolsonaro sempre se refere ao Lula como "o ex-presidiário", quando o pai dele é presidiário sem grandes chances, numa conta elementar, de chegar a ex. (Ernani Ssó)

Como Bolsonaro se atreve a alegar distúrbio mental, nessas alturas? Toda a biografia dele é um exemplo de distúrbio mental, além de ético. (Ernani Ssó)

Carcereiros do ex-presidente, na PF, vão pedir adicional de insalubridade. (Celso Vicenzi)

Trabalho forçado para ressocializar, nem pensar (Schröder)

Bolsonaro não quis comer PF justamente na PF. (Celso Vicenzi)

Só a prisão imediata na Papuda pode proteger inocentes tornozeleiras (Schröder)

Da sabedoria popular: "Essa coisa de Alzheimer é muito triste, o cara tem desde 2018, mas só lembrou agora". (Paulo de Tarso Riccordi)

CAÇA PALAVRAS

M	A	T	U	Q	T	O	J	E	E	D	S	X	J	
F	W	U	Q	Ç	O	J	M	Ç	H	E	A	E	T	O
H	G	J	K	F	O	O	H	H	A	M	V	X	E	X
E	T	O	F	G	P	F	A	U	F	O	A	G	Ç	A
Ç	L	Q	R	X	G	Y	U	O	Ç	C	A	J	M	O
COL	Z	B	K	A	P	P	A	R	A	Y	E	X		
G	S	T	G	K	F	U	A	Ç	A	A	G	E	A	O
Q	T	N	C	T	G	E	P	O	Ç	C	A	J	M	O
Ç	V	X	T	Ç	U	A	U	P	A	I	A	Y	E	X
O	R	L	X	N	L	A	D	Ç	A	A	G	E	A	O

É melancólica a sabujice da mídia e de parte da sociedade brasileira aos milicos golpistas que chegaram a planejar assassinatos para efetivar seu intento. É nojento os salamaleques dos jornalistas com os "militares de altas patentes", são desprezíveis as referências contínuas a "tratamento digno" e outras baboseiras que ignoram os assassinatos e torturas na ditadura militar e que quase renasceram conforme minuta escrita e distribuída desavergonhadamente. Uma passada pelas TVs News e é perceptível o alinhamento ideológico com o fascismo apelidado de bolsonarismo por aqui. (Schröder)